

Crime e castigo

Li no jornal – e cito aqui com as reservas que no Brasil, hoje em dia, merece toda e qualquer notícia de jornal – que em Porto Alegre um grupo de mascarados depredou a sede do PMDB.

Ao sofrer uma injustiça, e se não dispomos de outro meio para nos defender, somos tentados a reagir com violência.

Tenho aqui, à minha frente, um livro que estou lendo, sobre o levante tenentista de 1922 e 1924 (portanto, há quase cem anos). Controlando o forte de Copacabana, insurgentes voltaram seus canhões contra a cidade. Reproduzo apenas uma, entre muitas passagens semelhantes: “(O segundo tiro disparado) acertou em cheio o sobrado do meio numa série de três, colados, onde operava no andar de cima um cortiço, e, no de baixo, um botequim. A explosão foi tão violenta que descolou o prédio de sua fachada, que se estilhaçou no chão da rua Barão de São Félix. (.....). Durante a tarde, os bombeiros encarregados da remoção encontraram o corpo desfigurado de uma moça de 24 anos. Morreu, registrou com precisão o legista, ‘por esmagamento da cabeça e do tronco, dos membros inferiores e dilacerações múltiplas’. Ao seu lado, em condições parecidas, estava o corpo de seu filho. O menino tinha 2 anos. Morreram no prédio, ainda, outro menino, de 9, e um rapaz de 16, além de um funcionário da Light que estava de folga. Tinha por volta de 50 anos”.

Agora outra passagem, esta relativa ao bombardeio da cidade de São Paulo, em 17 de julho de 1924: “Naquela mesma tarde, enquanto os paulistanos ainda liam o manifesto nas páginas e os generais debatiam por carta, uma granada caiu no quintal do italiano Antônio de Giani, no Bom Retiro, onde seus filhos brincavam. O corpo de Lúcia, de 12 anos, quase desapareceu. Pedro queimou-se tanto que morreu alguns dias depois em uma cama do Liceu Coração de Jesus. Vitor teve o pé amputado. Atendida pelo padre Luiz Marcigaglia, a mulher de Giani, que amamentava gêmeas, parou de produzir leite. Catatônica. Em menos de uma semana, perdeu as duas filhas para a inanição.”

Escrevo para aqueles que hoje são jovens, como eu era em 1964, e, tanto quanto eu naquela época, estão expostos à tentação da violência. Quem tem a vocação da violência – escrevo-lhes para dizer isso – é a direita, isto é, o passado.

O Brasil deve muito ao presidente João Goulart, cujo ânimo pacífico – o que é ainda mais admirável num gaúcho – o levou a transigir em 1961, e a capitular em 1964, tendo não obstante, à sua mão, meios para a resistência armada.

É profético o título do livro “Nunca mais”, editado, ao fim da ditadura, pela arquidiocese de São Paulo. Por aí se vê que, não obstante doloroso, não foi em vão o sacrifício de tantos brasileiros, principalmente jovens, que resistiram em defesa da democracia. Porque hoje, sem embargo da violência simbólica, parece afastada definitivamente, da nossa prática política, a hipótese de um golpe, contra o governo, por quem utiliza a força das armas.

Não temos instrumentos para medir, e comparar, os efeitos nocivos, seja de um regime ilegítimo, seja de uma guerra civil. O que podemos prever no dia de hoje – porque conhecemos esse programa – é a enormidade dos danos que sofrerão, o Brasil e seu povo, com a adoção das políticas neoliberais, a volta ao Estado mínimo ou quase mínimo, a fixação do país como exportador de matérias primas, o primado da desigualdade; são os esforços que se farão para inabilitar Lula e conter a manifestação da vontade popular (possivelmente mediante o voto distrital e o sistema parlamentar de governo).

A violência nos engolfa, e se esgota, num momento de raiva, de paixão, de desatino. A lembrança do opróbrio, que não se apaga, o amor, a fé e a esperança, são capazes de alimentar a nossa resistência, durante toda a vida. Somos militantes, não militares.

O que se mostra, como nosso destino, é um Brasil para todos os brasileiros. A história tem avanços e recuos, mas a humanidade caminha para a frente, não para trás. Por isso podemos repetir, com serenidade e certeza, que não passarão.